

CICATRIZES

Livro 17

Escritos do eu e tu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



UM ATALHO

Pus-me em uma situação difícil, fiz sentir vivamente no momento de encontrar aquela mulher venerada. Por que tirar-me todos os ânimos frente à necessidade de apresentar-me livre com meus desejos? Tão penoso foi, quando pensava declarar amor, que tive de me desculpar afetuosamente, agradecido por ela ter acolhido o medo e o silêncio, guardando minha declaração. Por detrás da minha vergonha, vi crescer meus ciúmes apaixonados misturados a vagas curiosidades que ficaram sem resposta. O silêncio delatou tudo o que lhe quis falar. Temi uma cena de paixão, acabei como um homem banal querendo ser singular para introduzir-me em sua confiança. Finalmente, havia chegado a hora de contar tudo, ter o contentamento com a sinceridade espalhada. Não passou muito tempo fiquei desalentado, sem ação, esperando que algo me conduzisse por um atalho a um recomeço.

CANÇÃO DE NINAR

Quanta inocência dorme ali com ela? Quantos sonhos cabem na sua cabeleira desatada? Seus gemidos de dor ou de prazer declaram a dúvida sem resposta que toma o caminho do esquecimento. Deitada sobre si mesma, levemente curvada, revela estar desarmada, entregue, seminua. Meu desejo é ser sua cama, dar-lhe repouso todas as noites, esperá-la todos os dias.

Seus noturnos suspiros lhe dão harmonia, soam como rimas, contrapontos que inundam minha alma cheia de agonia. Uma sofre, outra comemora.

Esquecendo-me da vida, dedico-me somente a viver à noite, quando minha inspiração vem à tona e eu a consumo ao vê-la desmaiada, seus seios homenageando meus olhos, atropelando meus desejos.

Minha amada sabe como aquecer minhas veias, sabe transformar em prazer minhas agonias, consagra meu encantamento. Enquanto transborda harmonia, ela me esvazia das mágoas minhas, deixando-me livre para dormir.

AMORES OFERTADOS

Onde estarão guardados os amores que te ofertei? Desde que aprendi a não te inventar, convivo com uma ausência que mais me confundiu do que prestou favores. Desassistido, perdi a prudência, faz-me falta teu olhar que alimenta e cuida. Rompi com a coerência que tenta fazer-me um amante sem sobressaltos. Destituído da tua companhia, me apoio na perseverança, lembro-me dos inventos comuns, dos derrames de sentimentos, das negociações e das mediações que nos faziam tirar força do cansaço, coisa de valentes avançando em direção às boas notícias. Ali, já encantados, vivemos o amor no tempo justo da sua existência, personagens principais daquelas nossas cerimônias íntimas. Vívidos de encontros, matamos a sede e a fome, autorizando-nos o prazer.

Contigo aprendi a hora de perceber e a hora de dizer, mas perdi o equilíbrio. Tentando ser uma boa companhia, evitei a mesmice, revelei-me uma criança alegre e frágil, menti por medo, escolhi sem pressa, mal posso arcar com as consequências do amor sentido. Pouco preveni os danos.

Quando te via, sentia que as forças da natureza se

juntavam para sustentar alguma credibilidade. Ainda invento coerências para explicar que sinto saudades de ti, quero saber por onde andas, o que fizeste dos meus amores ofertados. Estarão perdidos, esquecidos? Foram moeda de troca, escambo, doação, herança, renúncia? Onde poderei encontrar os amores que te ofertei?



O SILÊNCIO DOS FARÓIS

Tendo os olhos cansados de tanta adoração. O que não alcanço entender é o porquê do silêncio dos faróis, que se negando a ouvir os barulhos, bastando-se com iluminar, estejam contentes em seus lugares, altivos e impassivelmente funcionais, parecendo estátuas.

Porque tanto temer a esse mar que é uma das formas de natureza? Seus murmúrios poucos ouvem, seus gemidos se fragmentam na rebentação das pedras que o recebem gentil, deixando-se cobrir de espumas. Fingido mar, quando todos pensam ali estar sua morte incessante, ele retorna ao curso de sua máxima

função, entre marés que levam e trazem o mar, ele sóbrio e abstinente, respeita as luas que ordenam os movimentos e avisa limites.

Entre raciocínios que embaralham a dignidade e a estima, juntando insolentes e ofensores, o maior perigo é perder-se a luz do farol, acabando de vez a noção do rigor e os esforços para restituir o caminho perdido.



AINDA ME ESCONDO

Uma dor hostil bolina minha paciência, dizendo-me: até quando, por que tardas? Até onde tudo fica como sempre, no nada? Não aguento ver-me tão afligido. Ainda me escondo medroso de tudo o que minha mente possa recordar. Depois de haver tido todas as chances de esquecer, aqui me encontro outra vez recuperando um sentimento aderido a uma memória deixada por aí. Ainda que soubesse ser impossível, viajei no tempo, tive a impressão que me transportava para um dia feliz do meu passado. Depois de assistir-me naquela

cena, tentei recuperar um pouco da razão. Como que imitando minha imaginação, sonhava desperto, feliz, já que havia pago todos os pecados muito antes. Senti que sobre aquele momento depositava muitas outras coisas. Impossível reconhecer o lugar; ainda que o lugar fosse o mesmo, o tempo era outro. Acostumado a preencher as coisas ausentes, forcei um cuidado insuficiente, alimentando uma melancolia que faz anos não se move do lugar.

Imagino meus dias, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida até seu momento final.

Pretensioso fui ao pensar em congelar o passado como eterno; não considerei que as lembranças são antigas e a memória esquece.

FEITO CRIANÇA

Chegarei devagar, sob pretexto de transformar este amor que sinto por ti em algo acessível, diário, quase banal, comum, ao alcance. Tomarei tua mão para que se ajuste a ti e a mim, ficarei atrevido, pasmo, encenando personagens para que me penses versátil, criança arteira inventando figuras que te façam rir, que te acostumem à contemplação dos meus olhos admirados colocando-te como leito onde repousarei minhas procuras.

Lutarei contra minhas urgências pois bem sei que me precisas sereno.

Sobre a felicidade que me inspiras, adivinHO momentos grandiosos, novos sabores, risos que abrem novos caminhos e convidam a seguir em frente, e o que é melhor, jogando para ganhar, uma combinação necessária entre o sonho e a vida.

Movo meus passos na direção em que me apontam os ventos, sou companhia, me agrego a este movimento da natureza, adoço minhas queixas, esqueço minhas mágoas até dar-me por preparado para merecer-te. Enlouquecido, conto o tempo que ainda me resta, observo maravilhado a transformação que esse meu

sentir traz quando a causa é o grande ganho que me causas. Fico astuto, porque a noção de perda às vezes nos sitia. Antes que a desistência me afete, perco o medo de venerar-te e dizer tudo aquilo que devo por convicção. Celebro em voz alta esta conquista plausível, alcançável, porque chegarei devagar, para transformar-te em vigor, em ar, em mel. Ganharemos um estado de inocência, uma liberdade para nos esquivarmos dos embustes, das conveniências, das obrigações, das censuras, dos aplausos. Contigo me torno ambicioso, quero mais, contigo conheço todos meus labirintos. Comprovo tal decifração quando me entendes sem que eu fale, porque está na vista que me vê o que eu preciso e não peço.

JUSTIFICATIVA

Eu, se fosse tu, tentaria me entender. Suspenderia os braços e retiraria esse olhar concentrado na desconfiança. Em matéria de amor, seja qual for, há estima e uma hospitalidade que abriga e dá calor, que anima os ânimos que dão a alegria e o riso, quase íntimos como um bom desejo. Assim, eu vou por onde o amor me chama, vendo que os bens ficam com o sentir que não se desfaz e apaga. Sepultadas as possibilidades do esquecimento, ponho paz nos tormentos, acabando com a ideia de que as desgraças vieram para ficar e que a desistência convence que o amor não se sustenta. As tuas certezas me fazem agradável companhia. De uma forma marcadamente exuberante e facilmente transparente, acabo seduzido pelo trato e pela idílica raiz que plantas cada vez que me aceitas como sou. Então, vivo um bom dia, inesperado e caloroso, experimento a paz por todo o corpo, faz-se a tristeza um pouco mais rala, quase transparente, deixando passar uma nova possibilidade absurda. Esse inesperado convite me atravessa, surpreende a minha expectativa. Tuas certezas são ditas com a sincera convicção de quem se aproxima e confessa, sem necessidade, ter

saudades. Dos cuidados e das queixas faço valer a certeza de atender-te como a pessoa amada. Ofereço-te um leito entre a expectativa e a solicitação, dando vida à desculpa e permitindo o equívoco que me coloca na posição de um simples encantado contigo e com a própria capacidade de te amar. Cada vez que assim me vejo, invento uma justificativa que permita validar que faço de ti minha razão de viver.



TUA PRESENÇA

Este quase vício de incluir-te em tudo que faço abre espaço para eu sentir uma elástica ternura. Segues cabendo nos meus sonhos, teu aroma incluído como presença.

A primeira manifestação foi uma homenagem; a segunda, um chamado de atenção; finalmente, um mérito conseguido. Toda vez que te encontro, sei o lugar para onde meu amor será remetido. Tua acolhida me aquieta, esculpe em mim um gozo. Perto de ti o

efêmero fica mais palpável; perto de ti me reencontro a paz e o riso, tanto mais quando me retribuís delicadas e esperadas gentilezas. Essa contrapartida que iguala, promove uma inesperada alegria. Nos sonhos que alimento, o viver me faz magnífico. Não haverá nada que me supere quando eu te cuide.



DIANTE DE TI

Diante de ti me curvo com algum ar que me convenha. Enquanto outros brigam pelas sobras, quero o melhor de ti, o principal. Aprendi a resistir à oferta fácil, mundana, disponível. Escolho, meu corpo assim o exige, antes que alguém me devore ou me engane a fome com pouco ou quase nada.

Meus sonhos, alguns devorados pela cabeça baixa, foram a pique, diluídos em uma explosão sem continuidade nem propósito.

Diante de ti, se curva este que aprendeu a calar, longe da lista dos mais destacados. Ainda assim, sonho ser

abrigado nos teus braços, anônimo, contente e calmo como a fome depois de morta.

Ninguém resgata meu medo nessa infindável solidão. Estimo que talvez devesse seguir contemplativo. Não vejo inconveniente em restringir minha admiração, pois considero impróprio declarar qualquer sentimento em vão. Seria como pronunciar juízos, subtraindo a paixão e a precipitação.

Posso te dizer que retornei a uma antiga prática de sonhar, parecida com algo que eu fazia antigamente quando queria consolar-me, ou quando se impunha alterar alguma realidade. Inspirado no amor, na adoração quase religiosa que tenho por ti, incluo de forma ampla todas as aspirações. Alio-me à natureza para traduzir algo que pelo menos salve as aparências, que explique ou diga que o fenômeno de te amar é recomendável por promover o espanto, a admiração e manter o apego.

ESSA DOR

Que dor é essa que me invade sem aviso, intrometendo-se na minha paz? Como parar esse sentir se ele invade meu peito, escorre pelos meus olhos e funciona como sentinela avançados de tudo o que propositadamente me esqueço? Reinvento um novo sentido para essa dor que me acompanha. É uma dor alheia que adoto como se fosse minha, faz-se tão carne que quase a confundo comigo. Adoto uma covardia que me esconde dos enfrentamentos, dos injustos castigos que dilaceram e me exaurem. Estanco os enlouquecimentos que tal dor é capaz de produzir em mim. Essa dor que desembarca na minha vida e acompanha meu existir. Espaçosa como toda dor, ela me ocupa, usa minha privacidade, desenterra minha indiferença, faz ressoar o gemido que a acompanha, derrubando minha frágil e insustentável coragem.

Decreto luto, igualo as perdas, invento desculpas e fugas para não mais me espantar, tento persuadir-me de que essa dor não é universal, invento que muitos não a sentem. Cansado de tanto doer, meu corpo me cala o discurso e se deixa levar pelo sofrimento. Uma lei me condenou a sofrer em meu canto.

Com que propósito adotei essa dor que ora se apresenta como salvação, ora companheira convalescente? De qualquer forma, está em mim como tatuagem, feroz como um afeto extremo, incorporada como um alarme.



RETRATO

O retrato colocado sobre a luz que o ilumina, estático na parede, fixa uma imagem antiga de mim que só reconheço com um esforço de memória. Calças curtas a mostrar as pernas ainda não crescidas. De cada lado do meu sorriso uma mão afável a tocar-me levemente os ombros, duas figuras mais velhas a ladear-me como protetores da minha fragilidade. Sob aquela tutela meu olhar deixava escapar uma curiosidade de que não me lembro, pois na fotografia eu não olhava para a frente. Detrás dos personagens, um rádio capelinha que não emite som, a mesa oitavada que o sustenta coberta por uma toalha de crochê. Foto assim, só em data comemorativa. Não me lembro mais do quê...

BUSCAREI

E quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Haverá alguma outra coisa que eu deseje mais do ser lido por alguém?

Ensinarei tolerância ao medo, a quem o tema, inventarei uma calma que convide a prudência a ficar abraçada à serenidade até que a vigília faça valer-se tanto, que tudo pare até que chegue suave e importante como um sonho. Limitada a extensão dos vícios não se desperdiçará a próxima hora, não fugirei, comprarei o pão, tomaremos o café até lembrar que morreremos inconclusos com a vida, sempre nos faltará algo. Faço uma extensão para que a vida não se desprenda assim sem maiores motivos. Quererei livrar-nos do incessante convite ao descanso eterno que nos ronda com uma assídua presença, um forte abraço selará uma proteção tão verdadeira quanto o ar que respiro, que nos embarquem em águas tranquilas com todas as vantagens do amor que nos abriga e propaga o que acostuma ao melhor, ao sal da vida.

SOBRE ABRIGOS E ABISMOS

Nunca a vida deu-me os recados que me enviaste. A paciência, boa mensageira, alimenta em mim uma espera feito âncora. Ainda que soubesse que a vida não era como parecia, estou cansado de estar perdido, aguardando que após longo tempo eu seja alcançado por notícias de ti. Não perco esta mania de ter esperanças. Suprimirei a longa ausência da lembrança, enchendo esse crônico vazio com uma alegria que seja guia de uma prolongada ascensão que só acabará quando eu cair em teus braços. Sigo sem compreender as coisas difíceis, inesperadas, imprevistas. Então, invento. Assim, viverei de mitos, encantos e fantasias. E aguardarei que algum episódio seja tão doce, que consertará o meu presente e me tornará alegre.

De tanto esperar, começo de novo do zero, duvidando que haja méritos nisso. Para distrair-me, a vida me deixa com ela brincar, pentear seus cabelos e acariciá-la com meu calor, meu suor, meu sossego, fazendo dela o que é meu, misturados, sem precisar pedir licença, sem precisar pedir perdão.

As experiências deixam um abrigo que compete com um labirinto.

SE TU NÃO EXISTES

Se tu não existes tal como te vejo, então é minha imaginação que te cria?

Faz-se necessário a consideração de querer saber se sou aquele que te inventa para dar à vida uma roupagem, como homenagem. Tal é minha criação? Ainda duvido. Não saberia como emitir uma solução que obtivesse semelhante solução.

Fragmento um poema mediterrâneo, uma dança oriental, como todas minhas obras, faço um arquivo de tudo o que me motivaste. Sigo tentando acreditar ser o autor.

Alguma âncora me convidou a ficar, fiz muito, recolhi as velas estendendo o tempo de ficar, dilatei uma inspiração incomum. Fostes uma inspirada obra que me chamou, usei a melhor astúcia para depositar em ti toda a sensibilidade. A mais mortal das lembranças plantei em ti, pus ao alcance de todas as faces da tua alegria. Ocupando todas as margens, discreta e serena executaste esse modo de viver autônomo, desobediente do criador que ficou sem saber onde andar, se andar rastejando buscando tua sombra ou detido na contemplação, feliz de fazer de ti seu exílio.

Como um ente imaginário, diz-me quem és? Uma invenção, uma quimera, uma utopia? Esforço-me para dar-te algumas expressões de reconhecimento, dar-te um rosto copiado de uma obra de arte, nem lembro se pintada ou esculpida, personalizando a qualidade que te reservei.

Porém, amenizo minhas dúvidas quando vejo que a tua beleza saiu da fotografia, sem retoques para esconder-se no meu espanto, ali ela se mostra esplendida e brilhante, instantânea ficou permanente. Ficou, já ninguém, nem o tempo a removem dali. Do teu sorriso se desprende uma evidente mostra de que distribuis uma aceitação que valoriza o meu olhar cúmplice que te procura a título de honra.

ESPONTANEIDADE PROGRAMADA

Além das tuas explícitas demonstrações, não baseio em vagas opiniões as evidências prévias desta imensa invenção que pensa e decide por mim. Tendo a ter certeza de que a tua intromissão sempre é equivocada. Tens ousada arrogância de prever-me, adivinhando. Fazes questão de dar-me uma receita que me fará imediatamente feliz ou infeliz. Frente ao fracasso manifesto de dizer-me o que não pedi para ouvir, acabo discordando da ideia de que as desgraças vieram para ficar e de que a tua desistência convence o amor a não existir, a não chegar. O fictício da tua opinião me constrange por sua enorme chance de erro. É impossível sustentar o enfrentamento do que pensas com o que acontece. Sem me negar a aparecer, em nome do bem me nego a renunciar. Apresento sempre mais uma solução, enquanto sempre inventas um novo problema.

A LINGUAGEM DAS PALAVRAS DISCRETAS

Meus silêncios guardam palavras renunciadas. Voltado a cuidar dos assuntos relevantes, torno as palavras discretas, último ato onde recorro o passado. Dispus cumprir com uma escuta em igual ordem, me acerquei do que me anima, reparti os afetos mais favoráveis. Evitei apagar vestígios, quero me animar, fazer da alegria algo mais do que passageira.



OBEDECEREI

Não é o amor que chama o amor. Gozo todos os prazeres que de ti emanam, sinto que uso das vantagens da satisfação. Tua prudência desafia meus perigos enquanto gozo com a mesma obrigação com que te estimo. Tirano, nada sei de como governar-te, pelas circunstâncias suprimi as disputas e não me importa parecer e ser escravo, porque o amor não se governa, acontece e se impõe soberano diante da perplexidade

dos que o sentem.

Olhando os teus olhos brilhantemente negros, achei onde abrigar minha ânsia de ser olhado. O apego dar voltas que te aprisionem no casulo como centro de todas minhas ambições. Quero conservar-te, não perder-te, ter méritos suficientes para acordar no dia seguinte atualizando um ontem com rastros na nossa memória. Resguardar o que chamam de fazer amor como se ele pudesse ser feito, comportando-me como um eterno recém-chegado, dando boas vindas, usando a delicadeza para ter a tua atenção, guiando meu roteiro para conspirar a favor, habilitar-me a ser teu.



TEU RECATO

Saiba que não há suavidade maior do que aquela que através do teu recato envias como sinal de confirmação. Tua angelical presença dispensa minha procura de personagens, esperarei que a maré cresça para trazer-te mais junto a mim. Meus sonhos flutuarão

até alcançarem a tua elevada altura e nesse instante, fomentarei uma rebelião para dispersar os que atentam contra a nossa fuga. Entrarei como uma força viva em tua vida para me esconder, descansarei em cima do teu peito, retirado e protegido dos perigosos desvios da rotina.



ALMA DESPOJADA

Passageiro momento que, como um fantasma errante, dita queixas, dirige amarguras. Tu deliras diante de caras forasteiras, perguntando a todos se por ali passou alguma sombra com um metro de tule azul cobrindo os ombros se deixaram cair um tafetá marrom como teus olhos, se pertencia a alguma rainha tímida. Se o teu olhar deixava entender que me procurava e carregasse no peito secretas artes aprendidas nas poucas horas em que te revelei minha delicadeza. Anteciparias uma procura com grande doçura, com a memória alegre e a fronte levantada como um orgulho? Se assim fosse,

serias tu a única. Ao contrário da recatada, tu revelas, não escondes um ar sentimental, e como quem cava com os olhos, buscas encontrar uma resposta aos mistérios, queres fazer e ganhar os finos sabores e as perfeitas cores que somente os olhos infantis são capazes de reconhecer. Como antigas primaveras que ainda buscam nova vida, ressuscitam flores, renovam vidas.

Cabe-me a mi pedir-te, mais por ofício que por vontade, que deixes minha loucura quieta e não me renoves a paixão. Para mim, não é coisa nova o encanto, mas certamente me faria bem o teu recato, fazendo-te menos disposta a levantar-me o ânimo tão de repente cativo e rendido.

ALEGRIA FICTÍCIA

Tuas carícias não haverão de ser mais minhas. E se eu te buscar lamentoso, serei surpreendido por tuas burlas; farás estúpidos meus escudos, não poderei ver-te como uma mulher prazerosa. Saberei sentir essas surpresas que costumam acontecer quando o meu amor se liberta de alguém do passado.

Vendo aquelas fotos que ficaram esquecidas numa recordação, apoiei meus olhos sedentos no que não consigo mais retirar dali. A alma exasperada espreita avisos lúgubres, reconhece seu abismo ansioso e inquieto, enquanto eu apareço nas tuas carícias matando a sede com água do mar. Minha pouca e inútil desconfiança buscou saber como iria tudo terminar, se teu olhar desviado com enfado deixaria em mim uma solidão que me aprisionaria nas tuas sombras.

Como antigo proprietário da minha alma, todas as coisas nela envolvidas são como um centro histórico de meus referidos e preferidos momentos. Apoiando-me nos meus sentimentos, fui à busca de alguma claridade e só encontrei o deserto.

Não tem sido fácil encontrar bondades, vontades, extremas esperanças que me impeçam de rir e

chorar por mim mesmo. Tua aparição recente é uma casualidade, quase magia. Sei que o que mais mata é ser infeliz, abandonar-se à própria sorte como escravo consentido. Estou metido na estupidez dos homens que ficam felizes com delirantes paixões. Atraído pelo preparatório de um descarte, sinto-me atônito diante de mim mesmo ao saber que depois de um longo silêncio te retirarás na ponta dos pés.

Há que se voltar a viver. Não tardará a resignação, a certeza de que te sigo fiel, não por esse comportamento, mas pela alegria fictícia que, sem alardes, sustenta o meu amor vertido em ti.

AVENTURA PERDIDA

Eternizo essa brisa que pressente o frio por chegar, o cheiro de mar que espanta nossa noite determinada ao descanso. Como coisa de outro mundo sempre em festa, o prazer se apressa em aparecer nu como veio ao mundo. Sinto sereno o meu destino. Chegar a sonhar com véus mediterrâneos é um artifício que me arrasta a inventar um dia como primavera, outro como inverno. Evito a surpresa voz que anuncia os amores duvidosos, não é hora de obrigar-me a amar, muito menos viver uma vida com dores.

Não me atrevo a desmentir tudo em que creio, alguns amores me subornam os valores, não posso me penalizar porque, às vezes, os ponho de lado, ainda tenho a covardia dos que não tentam saber se a vida está feita de muitos possíveis.

Não há que desesperar, a demanda da minha fantasia ainda busca saber se és aquela que eu desejava. Ponha-se a bondade no beijo que grato me ofereces, expulsa a obrigação dos atos teus, vê se assim te atreves a fazer calmas as minhas noites.

LACRE DO AMOR

Fiz-me uma unidade segura. Caçador de sonhos, invento ter a posse dos lacres do amor para ir contigo até o medo que me afunda. Esse sentir anda dentro de mim, ainda que minha ternura tenha o compromisso sincero de surpreender. Os incautos me dizem que dessa vez até Deus duvida e converte tudo o que é nosso em cômico desengano. Todas as minhas lástimas ficam como honestas dores, não ofensivas, que quase me matam nesta vida sem a certeza do teu amor.

Sem rodeios, diga-me agora onde está tua coragem de pedir ajuda? Contigo aprendi que a hora seguinte poderia ser empurrada por um inesperado qualquer. Dá-me um pouco mais de razão e te prometo emprestar meu esquecimento, minha capacidade de fingir. Deixarei que a vida mesma, com seu modo emblemático, nos venha interromper esse sonhado momento que se desprende pouco a pouco. Suplicante, como na outra noite, me aproximei um pouco mais fiel, tentando reconhecer-me, querendo ser o suficiente para ficar livre dessas mentiras que me fizeram jurar em falso, parar de mentir para mim mesmo e confessar-me que nunca me consolaste, que tudo aquilo que contigo vivi,

já faz muito. Sinto-me contra o que aconteceu. Tudo depende de que me saiba verdadeiro. Meus tormentos não provêm do amor, mas do meu amor que não alcança sair de ti.



DIGO-ME

Queres saber? Muitas foram às vezes em que me refugiei nas multidões, inúmeras às vezes em que te encerrei nos meus sonhos, me preparei contra ti, assustadiço, escondido debaixo dos maus humores, estendido como morto na cama, fingindo dormir. Quando chego ao fundo de tua alma me sinto com um poder irresistível, então, te acaricio de um lado a outro. Rompendo o medo, estremeço os membros, fecho os olhos para guardar-te. Tomando-te as mãos, filtro algumas loucuras e me apresso em clarear as cinzas da minha melancolia.

FAÇA-ME CASO

Tens razão quando me dizes que não há que seguir perdendo o tempo com reprovações, que os juramentos não caminham junto à verdade, muito menos quando agarrada dos ombros e jogada no chão. Ainda assim, não se perdoa debaixo de um céu cinza de dores descomunais. Nesses momentos de quase morte não se cala o ódio que custa muitas vidas.

Presunção é pouco para falar da linguagem dos fatos brutais, que sempre elegem os piores caminhos para expressar-se.



LUGARES DE ENCONTROS

Ah! Quão vermelha a vontade nos lençóis cheirando novos e no corpo disperso um coração bate descompassado como costuma fazer quando está feliz. E todo o corpo em festa perde a vergonha e usa as malícias com bondade e com amor, e faz amar em voz

alta, diz tudo o que pensa segurando-se nas bordas da imaginação e inventando neologismos para não repetir palavras já ouvidas pela amante. Sem poder inaugurar contatos inventa palavras para chamar a atenção e fazer a distribuição de elogios novos.



FIZ UM TRATO

Duplicuem-me os beijos, deles farei um banco de beijos por se acaso me faltem depois. Os guardarei na pele, dentro das sensações onde definitivos esses beijos jamais serão encontrados a não ser que eu os necessite. Façam-me carinhos com os lábios quentes, pintados, molhados. Toquem-me o rosto suavemente para que a marca não se apague ou sequem os rastros. Já vi tanta companhia perdida que difícil fica evitar a solidão impensada, melhor o temor que a surpresa. Caso me faltem, esses guardados soprarão como alívio ao meu ouvido, trarão vida à minha pele que sensível se lembrará de cada um deles, da ocasião, da doação.

Farei deles salva-vidas caso afunde, farei deles farol caso perca o rumo. E cada um deles, uma graça pedindo mais um para guardar no banco por se acaso me falte depois.

Façamos um trato. Pedirei licença e retomarei cada um desses mimos para caber no meu vazio essa coletânea que guardei e que no recuo me acompanharão como uma doce fantasia. Ficarão voluntários, a recorrer-me nas urgências quando inútil não me alcançar mais quem me os dê.

Não caberão na minha inércia tantas ofertas, me restará a lembrança que evocará aquele desejado que fui.



A SUAVIDADE DO AMOR

Diz-me se o terno e suave alento alcança abolir a tua solidão. Serei portador de carícias, respeitarei os pactos, buscarei todas as fontes até encontrar o bálsamo, afastarei de ti todas as dores, cuidarei para que os meus ciúmes sejam úteis e suaves. Ainda que

ridículo, não farei escândalo, engolirei a ironia, fugirei das impressões que marcam tua distância. Retardarei o tempo, o futuro, para que o presente não se perca depressa e logo chegue o amanhã. Decretarei uma greve nos relógios, segurarei os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suave. Esse olhar alegre, que lança alegrias em busca de repouso nos meus, onde aterriza suave, criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Esse olhar usa dessas suavidades que inventam uma rede de confianças e afirmações. É como símbolo que autoriza um poder.



AS BOAS INTENÇÕES DO AMOR

Fingindo um bem que não me habita, sinto doer um vazio que cobre minha alma sem piedade, embora ainda sinta uma suave esperança. Quero saber adivinhar o futuro para amortizar as penas e, suavemente, acalmar os desejos que não me deixam ficar em paz sem ti. Quero ser desses que se acostumam a rir. Busco

razões, alicerces, abrigos onde possa comover-me, fazer-me companhia, dizer-me o que necessito ouvir, encerrar-me nos meus sonhos e fantasias, buscar um abrigo que aprendi a ter contigo. Pela dor e tamanho do vazio, pressinto um final infeliz. Cubro-me de estrelas protetoras quais anjos da guarda. Tudo faz temer que eu acabe sozinho com meus desejos, palavras e imaginações.

Tento adquirir como instrução ou conhecimento o valor do encerro que me protege de estar exposto às boas e falhas intenções do amor. Reconheço-me necessitado do apoio. As penas, de tão imensas, não me cabem dentro.



PROTEJO

Protegido fico na tua companhia. Nas minhas teimosias me abrigo. Reitero que me apropriei do teu último sonho porque vivo dentro da tua pele. Tenho um mapa das tuas marcas, um cadastro de teus olhares, uma coletânea

de teus desfiles, das tuas manhas, dos teus caprichos. Construo teu prazer como se fosses meu duplo, como se contigo viesse desde outro tempo, outra dimensão. Há tanto vivo contigo, que já não sei mais como viver sem ti, como voltar a ser quem sou. Cheio de cansaço, finco renúncias nos meus dias, confirmo um lugar ao teu lado, tal e imensa a inadvertida concessão, que nela se unem uma limitação natural e um afeto indiferente.



Roberto Curi Hallal

